

DANIELE MACHADO DOMINGUES

**O PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL DE CAMPO GRANDE – MS NA
PERSPECTIVA DA REVISTA ARCA
(1990 - 2011)**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO / DOUTORADO
CAMPO GRANDE - MS**

2022

DANIELE MACHADO DOMINGUES

**O PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL DE CAMPO GRANDE – MS NA
PERSPECTIVA DA REVISTA ARCA
(1990 - 2011)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local, sob a orientação da Professora Doutora Maria Augusta de Castilho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO / DOUTORADO
CAMPO GRANDE - MS
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade Católica Dom Bosco

Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana - CRB-1 3360

D671p Domingues, Daniele Machado

O patrimônio histórico cultural de Campo Grande –
MS na perspectiva da revista ARCA (1990 - 2011)/ Daniele
Machado Domingues; sob orientação da Profa. Dra. Maria
Augusta de Castilho: -- Campo Grande, MS : 2022.

46 p.: il.;
Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) –
Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS,
Ano 2022

Bibliografia: p. 3
1. Patrimônio cultural - Mato Grosso do Sul. 2. Campo
Grande (MS). 3. Memória cultural - Campo Grande (MS):

4. Revista ARCA I.Castilho, Maria Augusta de. II.

Título.

CDD: 363.69098

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título:O Patrimônio Histórico Cultural de Campo Grande – MS na perspectiva da Revista ARCA (1990 - 2011).

Área de concentração: Desenvolvimento Local em contexto de territorialidades

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidade e Diversidade Dinâmica Territorial

Defesa submetida à Comissão Examinadora designada pelo Conselho do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local - Doutorado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Data da defesa em: 14/ 02 /2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Augusta de Castilho - Orientadora
Universidade Católica Dom Bosco

Profa. Dra. Arlinda Cantero Dorsa - Membro
Universidade Católica Dom Bosco

Profa. Dra. Terezinha Bazé de Lima
Centro Universitário da Grande Dourados -UNIGRAN

"Todo patrimônio é doação do passado e parte de
nossa presente contínuo"
- Michel Parent – 1945-2021 -

Dedico esta pesquisa a Deus, à minha vó Rita Gonçalves Domingues (*in memoriam*), à minha família que sempre esteve ao meu lado e a minha orientadora professora Dr^a Maria Augusta de Castilho, que me conduziu com maestria por toda minha jornada acadêmica até este momento.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que por suas mãos me abençoou em chegar até aqui. Aos meus pais Pedro Antônio Gonçalves Domingues, Hélida Machado de Holanda e meu padrasto Sérgio Martini de Holanda que sempre me motivaram a persistir e seguir a diante nos percausos da vida.

A minha mestra e orientadora professora Maria Augusta que me auxiliou em toda a trajetória acadêmica e me abriu os caminhos que me fez chegar até aqui, agradeço por todo os ensinamentos, por toda a paciência e persistência que a senhora teve todos esses anos comigo.

Aos meus amigos do mestrado e da vida, Suellen Alencar, Diego Sena e Guilherme Oliveira, ao qual juntos, apoiamos uns aos outros durante toda a trajetória percorrida nesses dois anos, mantendo uma rede de apoio, de aprendizado e ensinamentos. Sem vocês não chegaria até aqui.

Agradeço à minha família que esteve presente ao meu lado e me apoiando por toda minha trajetória. A você Franciele Schell e Isis Valentina Schell pela paciência em todos os momentos em que o caminho ficava difícil e por compreenderem a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Agradeço também, a Universidade Católica Dom Bosco e a CAPES que foram essenciais no meu processo de formação profissional, e a todos os professores do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Local da UCDB pela dedicação e por tudo que aprendi ao longo do processo.

RESUMO

O presente estudo propõe uma reflexão acerca dos Patrimônios Históricos Culturais de Campo Grande – MS, a partir da perspectiva da Revista ARCA, visando demonstrar a história e cultura da cidade, por meio das edições impressas da revista, elencando as principais matérias de cada edição. Justifica-se a relevância deste trabalho em razão de a Revista do Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA) apresentar vários personagens e monumentos históricos de Campo Grande - MS, que são desconhecidos da comunidade acadêmica e da comunidade campo-grandense. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a Revista ARCA no contexto do Patrimônio Histórico e Cultural de Campo Grande – MS. O trabalho foi pautado no método indutivo, partindo da observação e análise da referida revista. A pesquisa tem uma abordagem qual-quantitativa, a fim dos dados coletados serem interpretados em relação à fundamentação teórica, aprofundando-se na compreensão dos aspectos e análises sobre os patrimônios históricos e culturais retratados nas edições: 2,5,8,12, e 15 da referida revista. O problema investigado na pesquisa se refere às dificuldades de acesso as edições impressas da revista, a qual se encontra resguardada na sede do Arquivo Histórico de Campo Grande - MS, para consulta apenas *in loco*. A hipótese levantada foi a necessidade de uma maior divulgação e facilitação ao acesso das edições da Revista ARCA. Dado que o acesso às informações é apenas *in loco*, torna-se difícil a ampla divulgação de seu conteúdo, restringindo o acesso apenas às pessoas que visitam o local. Após estudo e análise dos dados, verificou-se a possibilidade de ações para reverter este caso, como por exemplo, a divulgação da revista em ambiente virtual, no site do ARCA, assim como, o estabelecimento de parcerias em redes educacionais (públicas e privadas) para que juntamente com o ARCA possam ser criadas ações de conhecimento e consequente visibilidade da revista.

Palavras-chave: Revista ARCA, Patrimônio Histórico e Cultural, Campo Grande – MS, Memória, Cultura

ABSTRACT

The present study proposes a reflection on the Cultural Heritage of Campo Grande - MS from the perspective of ARCA Magazine, aiming to demonstrate the history and culture of the city through the printed editions of the magazine, listing the main subjects of each edition. The problem investigated in the research refers to the difficulties in accessing the printed editions of the magazine, which is protected at the headquarters of the Historic Archive of Campo Grande - MS, for consultation only in loco. The hypothesis raised was the need for greater dissemination and facilitation of access to the editions of ARCA Magazine. This research has the general objective of analyzing the ARCA Magazine in the context of the Historical and Cultural Heritage of Campo Grande - MS. The work was based on the inductive method, starting from the observation and analysis of the aforementioned magazine. The research has a qualitative-quantitative approach, so that the data collected can be interpreted in relation to the theoretical foundation, deepening the understanding of the aspects and analyzes of the historical and cultural heritage portrayed in editions: 2,5,8,12, and 15 of the magazine. The Revista do Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA) presents several characters and historical monuments of Campo Grande - MS, which are unknown to the academic community and the Campo Grande community. Since access to information is only available in loco, it is difficult to widely disseminate its content, restricting access only to people who visit the place. After studying and analyzing the data, it is possible to verify the possibility of actions to reverse this case, such as the dissemination of the magazine in a virtual environment, on the ARCA website and establishing partnerships in educational networks (public and private) so that together with ARCA, actions to raise awareness of the journal can be created.

Keywords: ARCA magazine, Historical and cultural heritage, Campo Grande-MS, Memory, Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização ARCA	16
Figura 2 – Segunda viagem de José Antônio Pereira	23
Figura 3 – Vista aérea de Campo Grande-MS	24
Figura 4 – Revista ARCA, 2 ^a edição (1991).	29
Figura 5 – Acervo ARCA, publicado na 2 ^a edição da revista ARCA (1991).	31
Figura 6 – Revista ARCA, 5 ^a edição (1995).	31
Figura 7 – Campo Grande o impulso do desenvolvimento	33
Figura 8 – Relógio rua 14 de julho.	34
Figura 9 – Revista ARCA, 8 ^a edição (2002).	35
Figura 10 – Revista ARCA, 12 ^a edição (2006).	36
Figura 11 – Revista ARCA, 15 ^a edição (2011).	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Revista ARCA 2 ^a edição	29
Tabela 2 – Artigos publicados na revista ARCA 2 ^a edição	29
Tabela 3 – Artigos publicados na revista ARCA 5 ^a edição	32

LISTA DE ABREVIATURAS

ARCA - Arquivo Histórico de Campo Grande

UCDB - Universidade Católica Dom Bosco

DL - Desenvolvimento Local

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NOB - Ferrovia Noroeste do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL DE CAMPO GRANDE– MS.....	16
2.1 Patrimônio	16
2.2 Memória e sentimento de pertença.....	18
2.3 Cultura.....	20
2.4 Breve contextualização da cidade de Campo Grande.....	22
3ASPECTOS HISTÓRICOS DA REVISTA ARCA.....	24
3.1 O ARCA.....	24
3.2 A Revista ARCA.....	25
3.3 O Patrimônio na perspectiva da Revista Arca.....	28
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe uma reflexão acerca dos Patrimônios Históricos Culturais de Campo Grande – MS, a partir da perspectiva da Revista ARCA, visando evidenciar e demonstrar a história e cultura da cidade por meio das edições impressas da revista, elencando as principais matérias de cada edição. O tema emergente e de fundamental importância, insere-se na linha 1 - CULTURA, IDENTIDADE E DIVERSIDADE NA DINÂMICA TERRITORIAL, do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco, como para a conscientização social.

O problema investigado na pesquisa se refere às dificuldades de acesso as edições impressas da revista, a qual encontra-se resguardado na sede do ARCA, para consulta apenas *in loco*. A hipótese levantada foi a necessidade de uma maior divulgação e facilitação ao acesso das edições da Revista ARCA.

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a Revista ARCA no contexto do Patrimônio Histórico e Cultural de Campo Grande – MS, além de aprofundar a temática e contribuir para pesquisas futuras. Quanto aos objetivos específicos destacam-se: a) elencar as publicações da Revista ARCA, no período de: 1990 a 2011; b) identificar os conteúdos abordados nas revistas no que se refere ao Patrimônio Histórico e Cultural de Campo Grande – MS.; c) analisar o Patrimônio Histórico e Cultural de Campo Grande sob a ótica dos conceitos relacionados.

O estudo foi pautada no método indutivo, partindo da observação e análise da Revista Arca, tendo como base principal os autores: Eurípedes Barsanulfo Pereira (2018), Jacques Le Goff (1990), Maurice Halbwachs (2013), Pedro Funari (2009), Roque de Barros Laraia (2001) e Paulo Coelho Machado (2008) que trabalham o patrimônio, cultura, história, memória e os conceitos gerais do desenvolvimento local.

O trabalho possui uma abordagem quali-quantitativa, com a análise e interpretação dos dados coletados, fazendo-se uma conexão com a fundamentação teórica, aprofundando-se os conceitos de espaço e seus aspectos.

Os procedimentos metodológicos envolveram a busca de fontes secundárias e primárias, desenvolvidas por meio das seguintes etapas: revisão bibliográfica e documental, pesquisa de campo e observações *in loco*.

Após algumas visitas ao ARCA, realizou-se uma pesquisa documental e o levantamento dos dados presentes nesta pesquisa. Foram analisados documentos primários e secundários. Após conversas com os funcionários do local deu-se início a coleta de dados.

A população alvo é uma parte significativa da população da cidade de Campo

Grande; já o sujeito da pesquisa é o Patrimônio Histórico e Cultural de Campo Grande-MS na perspectiva da Revista ARCA, ou seja, a representação dos patrimônios da cidade, retratados nas páginas das edições n° 2, 5, 8, 12 e 15 da revista, escolhidas para análise, por se tratar das principais edições com enfoque na linha do patrimônio histórico e cultural da cidade de Campo Grande – MS.

A área geográfica abarcada por este estudo foi o Arquivo Histórico de Campo Grande, localizado à rua Pedro Celestino, número 1378, Centro (Figura 1).

Figura 1 – Localização ARCA.



Fonte: Disponível em:<https://goo.gl/maps/PhBdZ2ZWoopXnf437> - Adaptado pela própria autora/2021.

A Revista do Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA) apresenta vários personagens e monumentos históricos de Campo Grande – MS, que são desconhecidos da comunidade acadêmica e da comunidade campo-grandense. Após estudo e análise dos dados, pode-se verificar a possibilidade de ações para reverter este quadro.

A revista é de fundamental importância para a cultura do Estado de MS, em razão de ao longo de suas edições ter colaborado decisivamente com a memória, a história e a cultura, principalmente, com Mato Grosso e posteriormente com Mato Grosso do Sul.

Ao longo da jornada acadêmica e do envolvimento em diversos projetos dentro e fora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), despertou-me o interesse de buscar e pesquisar sobre os patrimônios históricos e culturais existentes na capital sul-mato-grossense. Foi realizada uma visita técnica ao Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA), ao qual obteve-se conhecimento sobre a Revista ARCA e a partir do levantamento teórico para a escrita do trabalho de conclusão do curso de História da UCDB, iniciou-se a pesquisa na qual deu origem a esta dissertação .

Devido à paralisação das vendas da revista à população campo-grandense, passou a ter dificuldade ao acesso ao conteúdo da revista, conseguindo fazer consultas apenas às revistas que compõem o acervo do ARCA, sem retirá-las da sede do arquivo

ou a partir de arquivos pessoais de quem as tinham adquirido no período de venda.

Conhecer a história de seu povo é essencial para a construção de sua própria identidade, permitindo que a partir da ligação cultural e identitária com essas histórias, possa nascer em cada um, o sentimento de pertencer ao local no qual vive ou viveu.

Portanto, esta dissertação tem como base o estudo dos artigos publicados na revista ARCA (1990-2011), voltados para a temática de Cultura, Identidade e Diversidade da Dinâmica Territorial, com ênfase aos Patrimônios históricos e Culturais da cidade de Campo Grande. A dissertação apresenta a seguinte estrutura: 1- Introdução que destaca o motivo pela qual a temática é estudada; 2 –Patrimônio histórico e Cultural de Campo Grande que apresenta breves conceitos acerca de Patrimônio, Cultura, Memória, sentimento de pertença e a cidade de Campo Grande; 3 – Aspectos históricos da revista ARCA com demonstrações as considerações acerca da história do ARCA, da revista ARCA, dando ênfase as publicações impressas da revista acerca dos Patrimônios históricos e Culturais da cidade de Campo Grande; 4 – Resultados e discussões por meio da análise dos dados coletados; 5 – Considerações finais e finalizando, encontram-se as referências.

Trabalhar o patrimônio é de suma importância, na medida em que se pode impulsionar a defesa e proteção aos bens que compõem o patrimônio cultural de uma nação. Assim, poderá também, trazer aos leitores que se identificam com esse patrimônio, o sentimento de pertença, que por muitas vezes estão presentes na história de vida de suas famílias, perpassando geração após geração. Tal iniciativa, valoriza a memória de um povo trabalhador e visionário que vê a oportunidade de desenvolvimento e crescimento de suas tradições, preservadas pela memória individual e coletiva, oferecendo um legado da história e da memória campo-grandense, a partir de fotos, documentos primários e secundários, bem como, de um acervo de memorialistas resgatados pelo Arquivo Histórico de Campo Grande – MS em suas revistas.

2 PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL DE CAMPO GRANDE– MS

A valorização histórico-cultural do patrimônio arquitetônico é de extrema importância para que possa despertar o sentimento de proteção por parte da comunidade, garantindo que as próximas gerações também tenham chance de ter acesso ao bem herdado.

2.1 Patrimônio

O conceito de patrimônio possui uma longa trajetória, tendo sua origem do latim *patrimonium*, referindo-se a herança familiar ou pertencente ao patriarca, que no Império Romano detinha o direito de propriedade. Nesse sentido, o patrimônio está relacionado primeiramente ao âmbito privado, e ligado diretamente aos interesses individuais e aristocráticos da elite romana (FUNARI e PELEGRINI, 2009).

Patrimônio pode ser conceituado como um conjunto de realizações construídas ao longo da história, pertencente a herança de uma sociedade, no que se refere a sua cultura. É justamente com tais realizações, produto do trabalho e da criatividade de todos, que se adquiri a identidade de um município, sendo de suma importância e responsabilidade preservar seu patrimônio. “Na perspectiva cultural o patrimônio refere-se a uma relação material e imaterial que compõem a memória coletiva de um povo a partir de suas lembranças e vivências, passadas de geração a geração” (SANTOS; CASTILHO, 2017, p. 17).

A constituição do patrimônio histórico brasileiro efetiva-se de forma geral na política de proteção elaborada com o intuito de salvaguardar exemplares da cultura nacional considerados em perigo de destruição eminente.

No início do século XX, o Brasil passava por um período de recuperação econômica, adotando o modelo agrário da exportação de café. Assim, com a forte exportação, o Brasil entrou em processo de urbanização e desenvolvimento industrial, ameaçando os bens culturais brasileiros, que iam sendo destruídos em nome do progresso, além, dos frequentes saques realizados as obras de arte, principalmente as religiosas (REVISTA ARCA nº 8, ENCARTE, p. 2).

Busca-se neste momento uma identidade nacional autêntica, propondo a valorização dos traços primitivos da cultura brasileira. Para Mário de Andrade, a preservação do patrimônio vincula-se à questão educacional, pois, para ele “defender nosso patrimônio histórico e artístico é alfabetização” (REVISTA ARCA nº 8, ENCARTE, p. 2).

Em 30 de novembro de 1937 foi outorgado o Decreto-Lei Federal nº 25, que instituiu o tombamento como um dos instrumentos de proteção do patrimônio cultural brasileiro. Isso significou para o país um grande avanço, pois, passa a ter um instrumento para defender e proteger os bens que fossem reconhecidos como patrimônio cultural da nação.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, DECRETA: Art. 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. § 1º Os bens a que se refere o presente artigo só serão considerados parte integrante do patrimônio histórico o artístico nacional, depois de inscritos separada ou agrupamento num dos quatro Livros do Tombo, de que trata o art. 4º desta lei. § 2º Equiparam-se aos bens a que se refere o presente artigo e são também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana. (DECRETO-LEI FEDERAL nº 25, de 30/11/1937).

As leis municipais e estaduais também adotaram o tombamento como um instrumento de proteção aos patrimônios pertencentes as suas esferas administrativas.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 ampliou o conceito de patrimônio e repartiu entre as esferas municipal, estadual e nacional e entre toda a sociedade, a responsabilidade por sua proteção. Dessa forma, todos têm responsabilidade com a proteção e preservação dos bens considerados como patrimônio cultural no país, não importando quem tome a iniciativa de proteção.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN em 1994 subdividiu o patrimônio cultural em dois grupos: patrimônio imaterial e material. A Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu artigo 216, reconhece como patrimônio cultural a existência de bens tanto de natureza material como imaterial, assinalando que:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

O patrimônio é uma herança que pode ser individual ou coletiva, estes bens deixados pelos ancestrais, são regulamentados por órgãos específicos responsáveis por garantir o direito do cidadão em ter acesso às informações no que diz respeito a patrimônio histórico cultural.

Campo Grande atende a um conjunto de leis que estabelecem diretrizes para o ordenamento de questões patrimoniais, ambientais e de código tributário, visando a proteção dos bens. Na legislação vigente destaca-se a Lei Municipal nº 3.525, de 16 de junho de 1998 que dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico, paisagístico e cultural no município (REVISTA ARCA, nº 8, ENCARTE, p. 3). Nela estão inseridas as regras para o tombamento de bens considerados como patrimônio. Em Campo Grande esta lei estabelece que o pedido de tombamento deve ser encaminhado à Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer, por meio de requerimento.

O tombamento é de suma importância, pois é a primeira medida a ser tomada para o processo de preservação dos bens culturais, na medida em que impede legalmente sua destruição. Não só preserva a memória coletiva, como também os esforços e recursos investidos em sua construção.

Nesta perspectiva, a Revista ARCA traz aos seus leitores nas edições dos 2, 5, 8, 12 e 15, inúmeras edificações, monumentos tombados e não tombados, que fazem parte da história da criação e desenvolvimento da cidade morena, para que possa despertar no leitor, o sentimento de cuidado e preservação dos monumentos históricos culturais, que trazem consigo a identidade do povo campo-grandense.

A valorização histórico-cultural do patrimônio arquitetônico é de extrema importância para que possa despertar o sentimento de proteção por parte da comunidade, garantindo que as próximas gerações também tenham chance de ter acesso ao bem herdado. É a relação da população com este mesmo bem que desenvolverá no sujeito o sentimento de pertença com o patrimônio.

2.2 Memória e sentimento de pertença

Um povo sem memória é um povo altamente manipulável, seja consciente ou inconscientemente. Nas lutas sociais pelo poder, a memória coletiva é posta em jogo em vários momentos da história. Dessa forma, os grupos que entendem a importância da memória e sabem como a manipular, geralmente são os grupos que dominam as sociedades históricas. Isso nos leva a entender a importância da memória, tanto

individual quanto coletiva. Jacques Le Goff (1990, p. 368), enfatiza que:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

É com esta finalidade que se busca despertar nos leitores a curiosidade da descoberta da história e de formação do espaço em que eles vivem cotidianamente, vinculando a história do passado com o cotidiano das novas gerações.

A memória pode ser tanto coletiva como individual. De acordo com Halbwachs (1990), filósofo francês, existe a categoria da memória coletiva, onde se pode trabalhar a reconstrução da memória, mas não se pode deixar de levar em consideração, os contextos sociais da sociedade em que são desenvolvidas ações voltadas para as tradições, costumes e valores. A perda de uma memória social pode constituir o fim da identidade de uma sociedade. Para que isso não aconteça, se faz necessário, reconstruir a memória dos grupos, a fim de despertar nos indivíduos o sentimento de atuação em seu meio social. Já em relação à memória individual, Halbwachs (1990, p. 82), acredita que: “é apenas um ponto de vista sobre a memória coletiva, que muda de foco conforme o lado ocupado. As lembranças, mesmo as mais pessoais, são produzidas nos meios coletivos, então nenhuma memória é totalmente individual”.

Portanto, a história e memória desses locais que fazem parte do cotidiano local, despertam sentimentos como: afeto e amor pelos monumentos e pelas construções que fizeram do modo de vida da comunidade e que desenvolveu o sentimento de pertença, sendo que é a partir desse sentimento, que a comunidade cria laços pessoais, fazendo com que as pessoas criem sentimentos comuns e se sintam participantes de um mesmo território.

O sentimento de pertença, estabelece que o fundamento de uma comunidade tem laços pessoais de reconhecimentos mútuo e de adesão aos princípios e visões de mundo comum, que fazem com que as pessoas se sintam participantes de um território comum. (TONNIES, 1973, *apud*, SANTOS; CASTILHO, 2012, p. 43).

Pretende-se despertar no leitor a busca por lembranças e memórias vividas por suas famílias, que quando passam a conhecer esses locais, revivem memórias do passado, permitindo que elas possam compor suas memórias presentes, quando fazem tal ligação histórica de seus antepassados. Por outro lado, a proposta passa a ser um importante instrumento da prática educativa sobre a história do passado, com reflexões no presente, no intuito do despertar uma cidadania consciente e responsável.

2. 3 Cultura

Os debates acerca do conceito de cultura são extensos, tanto nas ciências humanas como sociais, sobretudo na antropologia. Porém, apesar dos diversos estudos e debates, ainda é difícil estabelecer uma definição única para o mesmo, dada a amplitude e a complexidade do termo.

Sua origem etimológica vem do latim cultura, *culturae*, que no olhar da agricultura, significa a ação de tratar ou cultivar, refere-se à noção de cultivo. Ou seja, relaciona-se a tudo aquilo que é produzido pelo homem e não pela natureza, mas sim das suas ações sobre/no meio ao qual faz parte.

Com o nascimento do Iluminismo no século XVIII, inicia-se a busca pelo conhecimento, ao cultivo da mente, ao esclarecimento, defendendo o uso da razão acima de tudo. Paris se torna o centro de propagação das idéias iluministas e estes, acreditavam que só através da criação de escolas teríamos seres pensantes. Neste mesmo período, surgem as falcudas e alguns cursos em áreas de conhecimentos distintos, como: exatas e ciências humanas (FRANCO, ALINE MARIA SILVA, 2005).

Neste cenário, surge o conceito inicial de cultura, que segundo Bauman (2013, p. 23), “[...] seria um agente da mudança do *status quo*, e não de sua preservação [...]” e neste diapasão, a cultura seria como um bem que uns possuíam e outros não e, portanto, os diferenciavam enquanto sujeitos.

No início do século XIX, surge a Antropologia, a qual amplia os debates a respeito de cultura. Roque Laraia (2001) antropólogo contemporâneo apresenta um panorama no conceito de cultura, trazendo as principais contribuições antropológicas para o conceito moderno.

Para Laraia (2001), a primeira definição de cultura, formulada do ponto de vista antropológico, foi pensada por Eduard Taylor (1871); que considerava a cultura como um fenômeno natural e passível de estudo sistemático, pois tinha causas e regularidades e buscava apoio nas ciências naturais para estudar a natureza humana.

Taylor (1871) via as sociedades de forma bastante estratificadas e distintas entre si, apontando a civilização europeia como o extremo do modelo de civilização, enquanto as tribos selvagens estariam na menor posição em uma outra hierarquia. Lembrando que neste momento em que a antropologia se fortalece e cresce, é tomada pela perspectiva evolucionista de Darwim (1913) em seu estudo: - A origem das espécies, sob esse prisma, acreditava-se que as culturas se desenvolviam de maneira uniforme, e esperava-se que estas seguissem caminhos que outras culturas, consideradas avançadas (LARAIA, 2001). Nesta vertente, a cultura passaria por etapas, para que pudesse avançar.

Laraia (2001) acrescenta ainda que como principal reação ao evolucionismo,

Franz Boas (1888) defendia que a cultura segue seu próprio caminho, de acordo com os diferentes acontecimentos históricos vivenciados ao longo do tempo. Alfred Kroeber (1950), também se afastando da concepção evolucionista, defendia a idéia de que a cultura determina as ações do homem e justifica as suas realizações, pois afirmava que o ser humano age segundo padrões culturais próprios. Para Kroeber (1950), a cultura era apenas um meio de adaptação do homem ao meio, no qual o possibilitou criar/transformar ferramentas, dando possibilidade de transformar seu ambiente, dependendo, assim, mais de seu aprendizado do que de condições genéticas determinadas (LARAIA, 2001). Kroeber (1950) acredita que a cultura possui caráter acumulativo, advinda das experiências históricas passada de geração a geração.

Se contrapondo as duas defesas de Kroeber(1950), Laraia (2001) afirma, que nem todos os instintos foram ofuscados pelo desenvolvimento da cultura e cita o exemplo de uma criança que ao nascer busca os seios da mãe para a sucção. Tal ato, figura um instinto que independe da cultura para acontecer. Enfatiza ainda que, mesmo que a cultura tenha caráter acumulativo, este não seria possível se não houvesse um sistema de comunicação que permitisse esse processo de acumulação, referindo-se ao papel do sistema de comunicação oral do homem.

Com o passar do tempo, o conceito de cultura passou por transformações/reformulações, em busca de torná-lo mais preciso. A antropologia começa a se referir ao conceito de cultura como um sistema adaptativo, defendido por alguns antropólogos neo-evolucionistas, como por exemplo - Leslie White, no qual considerava a mudança cultural como um processo semelhante a seleção natural (LARAIA, 2001).

Laraia descreve ainda que no olhar de Claude Lévi-Strauss (1989), a cultura vem de sistemas estruturais (origem do estruturalismo). Nesta abordagem, busca-se descobrir os princípios da mente humana que dão vida as manifestações culturais, considerando-a como parte da estrutura de uma sociedade, ou seja, a sociedade e sua cultura formam estruturas sob as quais são baseados os costumes, língua, comportamento, entre outros.

A última abordagem antropológica de cultura que Laraia (2001) relata, é a que a considera como sistemas simbólicos, desenvolvida pelos antropólogos Clifford Geertz (2008) e David Schneider (2012). Estes consideram que os símbolos e significados são partilhados entre os indivíduos, não dentro deles, tendo somente caráter público e não privado. Além disso, também entendem a cultura como uma ciência interpretativa. (LARAIA, 2001).

Já no viés da história, mais especificamente da História Cultural, tem combinado as abordagens da antropologia e história, dentre outras ciências, para estudar as tradições da cultura e interpretações culturais, ocupando-se com a pesquisa e representação de determinada cultura no tempo e espaço a partir, principalmente, do estudo empírico dos

documentos materiais (REIS, 2009).

Nesse sentido, vários teóricos da história, como Peter Burke (2004), Le Goff (2003), Roger Chatier (1988), dentre outros, buscaram encontrar uma definição para o termo cultura, dialogando não raras vezes com a antropologia, utilizando de seus conceitos para tentar uma definição para o termo.

De modo geral, a cultura tem sido entendida como o conjunto de valores, crenças, costumes, modos de fazer, artefatos e comportamentos por meio dos quais os indivíduos interpretam, interagem e transformam a sociedade em que vivem. A cultura está sempre em movimento, ela se modifica seja internamente, seja por fatores externos, quando em contato com outras culturas. Ela também é constantemente (re) inventada, através por exemplo da apropriação de práticas e uso destas e de formas particulares criadas pelos indivíduos ou grupos sociais (LARAIA, 2001).

2.4 Breve contextualização da cidade de Campo Grande

Campo Grande nasce em pleno sertão, por iniciativa do pioneiro José Antônio Pereira. Natural de Minas Gerais, residente na cidade mineira de Monte Alegre, empreendeu sua primeira viagem rumo ao sul da então província de Mato Grosso, à procura de terras para lavouras. Ao saber sobre as vastas campinas, forma uma comitiva composta por cinco pessoas, dentre elas, seu filho Antônio Luiz, dois escravos (os irmãos João e Manuel) e Luiz Pinto conhedor de viagens pelo sertão (PEREIRA, 2001).

José Antônio Pereira, no dia 4 de março de 1872, sai de Minas, em sua primeira viagem rumo a sul da província de Mato Grosso. Após 3 meses de caminhada, no dia 21 de junho, chega à confluência de dois córregos, mais tarde denominados Prosa e Segredo. Instalam-se e começam o preparo da terra para cultivo, motivo pelo qual o trouxera para região (PEREIRA, 2001).

Ao se recuperarem da viagem e construírem um pequeno rancho próximo aos córregos, regressam novamente à Minas para buscar seus familiares. Após três anos José Antônio Pereira retorna no dia 14 de agosto, acompanhado de uma numerosa caravana composta de 11 carros de bois, carregados de víveres, mudas e sementes de árvores frutíferas, um lote de gado de cria, entre outras coisas (PEREIRA, 2001).

No trajeto, (Figura 2), faz uma parada às margens do rio Paranaíba no território mato-grossense. Permanece por vários meses na localidade, ajudando a debelar um surto de malária. Ali, seus préstimos, como prático da medicina, contribuíram para salvar muitas vidas. Nessa ocasião, José Antônio Pereira fez a promessa de construir, quando chegassem ao seu destino, uma igreja em homenagem a Santo Antônio de Pádua, santo de

sua devoção, caso nenhum dos seus perecesse. Foi exatamente o que ocorreu (PEREIRA, 2001).

Figura 2: Segunda viagem de José Antônio Pereira.



Fonte: [TTP://www.campograndems.net/segunda_viagem.html/2021](http://www.campograndems.net/segunda_viagem.html/2021)

Com ele vieram sua esposa, sete filhos, um genro, alguns sobrinhos, escravos e amigos, formando um total de 62 pessoas. José Antônio assume o comando do pequeno povoado e providênciaria a construção de oito ou mais ranchos às margens do córrego atualmente chamado de Prosa. Os ranchos faziam frente da atual Rua 26 de Agosto (PEREIRA, 2001).

Corria o ano de 1879 e era chegada a vez de José Antônio Pereira cumprir o sua promessa. Preparados os esteios, de rígida aroeira, e sob a invocação de Santo Antônio de Pádua, vastas campinas vizinhas, levantou-se a capela, construída de taipa e coberta de palmas, bem como, o tosco e alto cruzeiro que ainda se ostentava no adro (PEREIRA, 2001).

Pereira (2001), relata ainda que tempos depois o padre Julião Urquia, celebra ali o batismo de muitas crianças nascidas no povoado e o casamento de Antônio Luiz Pereira com Ana Luiza Pereira. Para comemorar o acontecimento José Antônio Pereira mandou colocar na pequena capela um sino trazido de Corumbá. Em 1888, a capela recebera outro sino, este doado por João Pereira Martins, e, são os que ainda hoje, vibram e chamam os crentes à oração do dia. Os córregos, àquele tempo, também recebiam as suas pitorescas denominações:

“originaram-se elas, para que rola às suas margens, em pequenos saltos, das elevações de leste, na loquacidade dos moradores, reunidos amiúde à sua margem, ‘ferrados na prosa’ em costumado e aprazível ponto, sob a copa enorme de uma figueira brava: e, para o que tem as suas cabeceiras nos espigões do norte, por não ter João Pereira Martins ‘guardado segredo’ de ocultos intuiitos de Joaquim Olivério, revelação que teve no lugarejo a retumbância de seu primeiro escândalo” (PEREIRA, 2001, p. 23).

Assim, se dá o início da história de Campo Grande. A figura 3 a seguir mostra a cidade em 2020.

Figura 3: Vista aérea de Campo Grande-MS



Fonte: Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizações/fotografias>
GEBIS %20-RJ/ms42168.jpg/2021

Campo Grande é um município brasileiro, da região Centro-Oeste, capital do estado de Mato Grosso do Sul. Reduto histórico de divisionistas entre o Sul e o Norte; foi fundada por mineiros, que vieram aproveitar os campos de pastagens nativas e as águas cristalinas da região dos cerrados. A cidade foi planejada em meio a uma vasta área verde, com ruas e avenidas largas e com diversos jardins, por entre as suas vias, é uma das cidades mais arborizadas do Brasil (IBGE/2018).

Por causa da cor de sua terra (roxa ou vermelha), recebeu a alcunha de Cidade Morena. A cidade está localizada em uma região de planalto, em que é possível ver os limites da linha do horizonte ao fundo de qualquer paisagem. Tem uma população de 916 mil habitantes e cerca de 97,22 hab/km², sua extensão territorial ocupa 8.082,978km², sendo o terceiro maior e mais desenvolvido centro urbano da Região Centro-Oeste do Brasil e o 19º município mais populoso do Brasil, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2018).

Nesta cidade que em 1986, após um achado de vários documentos e fotos, é que se dará início ao Arquivo Histórico de Campo Grande, local para salvaguardar a história e memória de sua cidade.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS DA REVISTA ARCA

A Revista ARCA foi elaborada com o intuito de salvaguardar a história de Campo Grande – MS, levando ao conhecimento de seus leitores desde o início da ocupação do território, até as construções modernas do início do século XXI, sendo de fundamental importância para a cultura de MS.

3.1 O ARCA

Em 1986, em uma pequena sala no Horto Florestal, uma equipe de funcionários da prefeitura local recebeu: documentos, fotos, plantas (edifícios, ruas), mapas e algumas publicações que retratam alguns aspectos da ocupação da cidade e seu crescimento. Apesar de um espaço físico inadequado e pouquíssima técnica, neste momento se inicia a história do Arquivo Histórico de Campo Grande – MS. A documentação recebida foi reunida em um anexo da sede antiga da SEMCE (Secretaria Municipal de Cultura e do Esporte) no Horto Florestal. (Revista ARCA, nº 12, Encarte).

Em 1989, o arquivo foi transferido para a rua Pedro Celestino, mudando posteriormente para um imóvel localizado na rua Cândido Mariano, época em que se dá início a publicação da Revista ARCA, ocasião em que a edição de número 01 foi publicada em janeiro de 1990. (REVISTA ARCA, Nº 12, ENCARTE).

O Arca, depois ocupa a primeira residência de dois andares construída na cidade de Campo Grande na década de 1950, localizada à rua Barão do Rio Branco, nº 1455. (REVISTA ARCA, Nº 12, ENCARTE).

Já em 1991, o Arquivo Histórico de Campo Grande – MS foi criado oficialmente, a partir, do Decreto Lei nº 6.350 de agosto de 1991, no governo do então prefeito Lúdio Martins Coelho, com o objetivo de recolher, identificar, organizar, disponibilizar e assegurar a proteção e a preservação da documentação arquivística do município. (DECRETO-LEI MUNICIPAL nº 6.350, de 19/08/1991).

O trabalho do ARCA, respalda o atendimento a estudantes, professores e pesquisadores com material de suma importância para suas pesquisas, a partir de documentos e materiais raros que por muitas vezes só se encontram na referida sede. O ARCA é o principal ponto de apoio e fonte de consulta, tanto para o meio acadêmico, quanto para a comunidade em geral, subsidiando centenas de dissertações, teses, livros e revistas que tratam da vida cotidiana da cidade morena, além de realizar outras atividades e serviços.

Atualmente, a sede do Arca encontra-se localizada à rua Pedro Celestino, 1378 – Centro, com seu funcionamento de segunda a sexta, no período matutino e vespertino

(das 07h30 às 17h30).

3.2 A Revista ARCA

Esta revista é de fundamental importância para a cultura de MS, em razão de ao longo de suas edições ter colaborado decisivamente com a memória, a história e a cultura inicialmente com o então estado de Mato Grosso e posteriormente com o Estado de Mato Grosso do Sul. Além de ser um rico instrumento de pesquisa para a comunidade e para os pesquisadores que buscam explorar a temática de patrimônio, assinala também, uma temática emergente para a manutenção da história e memória do Brasil.

Em janeiro de 1990, a revista teve sua primeira edição lançada, popularmente conhecida como: - Arquinha, por conta de seu tamanho, apresentando a temática: - os meios de comunicação em Campo Grande. Esta edição encontra-se esgotada, restando apenas um exemplar para pesquisa, registrado e salvaguardado no Arquivo Histórico de Campo Grande – MS

Em agosto do ano de 1991, foi publicada a edição de número dois, apresentando a temática: - O impacto da Ferrovia, os japoneses e a NOB, colonização japonesa e alemã. Sua edição encontra-se também esgotada, restando apenas um exemplar para pesquisa, registrado e salvaguardado no Arquivo Histórico de Campo Grande – MS.

Em dezembro do ano de 1992, foi publicada a edição de número três, apresentando a temática: - Emigração, de como os árabes e armênios se instalaram em Campo Grande. Sua edição encontra-se esgotada, restando apenas um exemplar para pesquisa, registrado e salvaguardado no Arquivo Histórico de Campo Grande – MS.

Em dezembro de 1993, foi lançada sua quarta edição, apresentando a temática: - Paraguaios: a imigração para Campo Grande. Edição inclusive que conta um pouco da história de minha família, por meio de entrevista concedida por meu avô Adolfo Domingues. Sua edição encontra-se disponível no Arquivo Histórico de Campo Grande – MS.

Em outubro de 1995, a quinta edição, apresenta a temática: - 14 de Julho – seus nomes e seus tipos, Campo Grande – o desenvolvimento e a história. Sua edição encontra-se disponível no Arquivo Histórico de Campo Grande – MS.

Em 1998, a edição de número seis mostra as praças e ruas da cidade, em um momento no qual a cidade busca encontrar sua identidade.

Em 2000, em um outro aporte, identifica-se a edição de número sete, assinalando a história dos italianos, espanhóis e portugueses que se instalaram em Campo Grande, em busca de novas oportunidades, trazendo novas culturas e tradições à cidade.

Em 2002, na edição de número oito, o ARCA elabora seis roteiros que

mostram pontos de patrimônio histórico, ambiental, arquitetônico e turístico da capital sul-mato-grossense.

Em 2003, em sua nona edição, destaca-se a valorização do patrimônio ambiental que faz de Campo Grande a capital do verde.

Em 2004, foi lançada a décima edição mostrando a multiplicidade étnico cultural que deu origem à população campo-grandense.

Em 2005, verifica-se a décima primeira edição mostrando a mistura de ritmos musicais existentes em Campo Grande – MS, trazendo o importante aspecto do patrimônio imaterial.

Em 2006, sua décima segunda edição, oferece a arquitetura (das primeiras edificações a arquitetura moderna) e o teatro em Campo Grande: os grupos locais, os espaços para o teatro, os festivais, além de artigos e entrevistas da história do teatro na cidade de Campo Grande.

Em 2007, lança sua décima terceira edição com a comemoração dos 30 anos da capital do estado de Mato Grosso do Sul.

Em 2009, em sua penúltima edição, traz o título: -Campo Grande: um divisor de águas e por último em uma edição especial de capa dura de 2011, apresenta um exemplar com imagens da história da cidade, desde a chegada de José Antônio Pereira em 1872 até o período de publicação da revista.

A análise das revistas referentes ao patrimônio histórico cultural da cidade, é o objetivo principal deste trabalho, inclusive contextualizando a história e a memória dos habitantes campo-grandenses.

A revista é de fundamental importância para a cultura de MS, uma vez que ao longo de suas edições ter colaborado decisivamente com a memória, a história e a cultura, inicialmente com o então Mato Grosso Uno e, posteriormente, com o Estado de Mato Grosso do Sul.

Enfatiza-se que o Sul de Mato Grosso até o início do século XVIII, “era uma região habitada por índios e paraguaios remanescentes das missões jesuíticas espanholas, que chegaram ao Sul de Mato Grosso no século XVI, introduzindo o gado na região e iniciando a exploração e comercialização da erva-mate”. (REVISTA ARCA, nº 5, p. 4)

“Em 1748, a coroa portuguesa criou a capitania de Mato Grosso, após a prosperidade das minas de ouro cuiabanas, em seguida, os portugueses procuraram tomar posse do Sul de Mato Grosso, construindo fortres e presídios no Vale Paraguaio”. (REVISTA ARCA, nº 5, p. 4). “Após a corrida das monções paulistas pelo ouro cuiabano, foi intensificado o trânsito na região, uma das rotas utilizadas por eles era o rio Anhanduí, formado pelos córregos prosa e segredo, onde mais tarde surge o povoado de Campo Grande”. (REVISTA ARCA, nº 5, p. 4)

A revista de número cinco evidencia a história local com a criação da capitania de Mato Grosso, que faz com que se inicie a ocupação da região Sul; o conflito da Guerra do Paraguai, que anexa esta parte do território oficialmente ao Brasil, momento que se intensifica a migração para esta parte do território, trazendo para Campo Grande em 1872, José Antônio Pereira, junto de dois filhos e mais alguns homens.

O texto ainda relata a chegada em 1914, da Ferrovia Noroeste do Brasil (NOB) e sua importância para o desenvolvimento dos primeiros bairros da cidade de Campo Grande, como também, a vinda dos primeiros imigrantes, a formação do comércio local e a construção do Quartel General na década de 1940. Grandes construtores ficaram reconhecidos neste período por serem responsáveis por essas construções como: Manoel Seco Tomé, os irmãos José e Manoel Rosa, Luiz Louzinha e Alexandre Tognini. Outro destaque nesta edição foi a rua 14 de Julho e sua importância para o desenvolvimento da cidade, com construções comerciais. Esta via ficou tão importante que em 2019, foi palco do projeto de revitalização do centro da cidade, projeto arquitetônico que busca modernizar o centro, sem deixar de lado sua parte histórica, buscando reviver prédios e monumentos que foram e ainda são de grande importância histórica, como por exemplo: ao antigo relógio da rua 14 de Julho, confluência com a avenida Afonso Pena, que foi palco de muitas festas religiosas e comícios políticos. (SITE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE/2021)

Na edição de número oito, a revista mostra o desenvolvimento de Campo Grande passando de Vila a Cidade, ocasião em que Campo Grande ocupa um lugar privilegiado geograficamente, ou seja, a região central do Estado, onde os elementos básicos da natureza tornam-se fatores importantes para a fixação humana. Esta mesma revista, assinala que os pioneiros se estabeleceram na confluência dos córregos Prosa e Segredo, formando o Arraial de Santo Antônio de Campo Grande, homenagem do fundador José Antônio Pereira a Santo Antônio, do qual era muito devoto, tendo uma promessa alcançada, trabalhou para construir a primeira igrejinha em louvor ao santo.

Em 1989 o governo da Província de Mato Grosso pela lei nº 792, de 23 de novembro, cria o Distrito de Paz de Campo Grande; em 1989 no dia 26 de agosto por meio da resolução nº 225; Campo Grande é elevada à categoria de Vila e por fim, em 1918 pela Lei Estadual nº 772 eleva a vila de Santo Antônio de Campo Grande à categoria de Cidade no dia 16 de Julho.

O povoado apresenta elementos típicos observados em cidades com indicadores de crescimento incorporando-se, nesta época, ao comércio de gado regional. Em 1989 passa de Arraial a Vila de Campo Grande, dando início em uma única rua, conhecida “como rua velha, 26 de Agosto e Barão de Melgaço, onde situavam-se as residências dos primeiros moradores”. (REVISTA ARCA, nº 8, p. 3, 4)

No período em que era Vila, Campo Grande atingiu um grande crescimento, e

surgem construções da época como: - a igreja de Santo Antônio, a igrejinha São Benedito, a Morada dos Baís, o colégio Oswaldo Cruz, a sede do Banco do Brasil (atual Casa do Artesão) e em 1914 identifica-se a chegada da rodovia que foi um grande salto para o desenvolvimento econômico da região.

Em sua décima segunda edição, a revista dá ênfase à arquitetura da cidade, trazendo os projetos e plantas dos prédios construídos ao longo de sua história, oferecendo aos leitores a história de Campo Grande via arquitetura e a partir da página 12, a revista inverte suas páginas e traz a história do Teatro em Campo Grande, dividindo essas duas partes com um folhetim descrevendo a história do ARCA.

A revista de número 13 menciona a comemoração dos 30 anos da capital sul-mato-grossense, descrevendo que após a chegada da ferrovia (NOB), Campo Grande se tornou um importante centro de exportação de gado, integrando a cidade ao contexto nacional e internacional, tornando-se destaque na região Centro-Oeste. Desta forma, a cidade passa a ser a guardiã do Oeste, uma vez que em 1921 se torna a sede da circunscrição militar, que na atualidade é o Comando Militar do Oeste.

Com o crescimento econômico e territorial, Campo Grande assumiu a liderança para a emancipação político-administrativa do Sul de Mato Grosso e em “outubro de 1977, por meio da Lei Complementar nº 31, cria o Estado de Mato Grosso do Sul e Campo Grande torna-se a Capital do Estado”. (REVISTA ARCA, nº 13, p. 21)

Na última revista publicada pelo ARCA em sua décima quinta edição, visualiza-se uma edição especial de capa dura, destacando toda a história de Campo Grande com imagens da Cidade de forma cronológica, assinalando também, os patrimônios históricos culturais da cidade, em fotos cedidas em sua maioria por familiares dos pioneiros e dos primeiros habitantes da localidade.

O Arquivo de Campo Grande (ARCA), por meio de suas 15 edições da Revista ARCA, apresenta ao público parte de seu arquivo com inserção de imagens, memórias, documentos, reportagens, que contam a história das famílias e de cada etnia que chegou à cidade em busca de novas oportunidades.

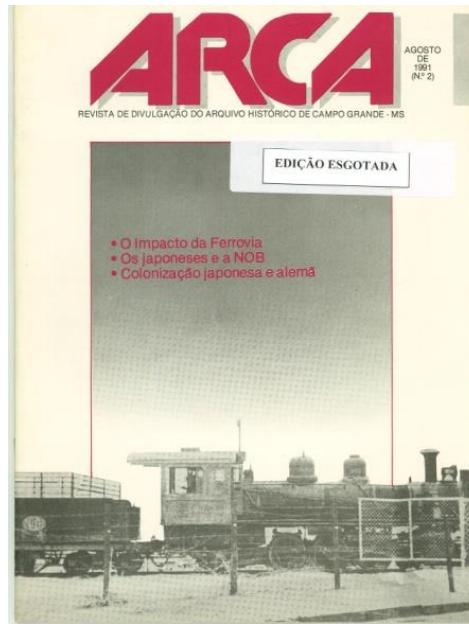
Tal multiplicidade étnica formada pelo povo campo-grandense vindas de várias partes do mundo para se fixar na região, trazendo suas vivências cotidianas e deixando para a história suas tradições, costumes, artes, empreendedorismo, que são repassados de geração em geração, contribuindo de forma expressiva para o desenvolvimento cultural da cidade morena.

3.3 O Patrimônio na perspectiva da Revista Arca

a) Edição 2 da Revista ARCA

A figura 4 mostra a capa da Revista ARCA , evidenciando o seu conteúdo

Figura 4: Revista ARCA, 2^a edição (1991).



Fonte: Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/arca/artigos/revista-arca/2021>

Neste número, foram publicados os artigos voltados para o patrimônio cultural de Campo Grande, com destaque para alguns dos personagens de importantes da sociedade campo-grandense (Tabelas 1 e 2).

Tabela 1: Revista ARCA 2^a edição.

Série	Ano	Data	Tema	Editora	Organização
Campo Grande	Ano II	1991	O impacto da ferrovia. Os japoneses e a NOB. Colonização Japonesa e Alemã.	Marcia Meggiolaro	SEMCE/ARCA

Tabela 2: Artigos publicados na revista ARCA 2^a edição.

Título	Autoria	página
Arquivar para lembrar	Paulo Coelho Machado	6 a 8
A ferrovia e o povo do sertão	Gilmar Arruda	9 a 12
Acervo ARCA	ARCA	28 30

Paulo Coelho relata em seu artigo, a preocupação que os Estados devem ter em salvaguardar suas histórias e memórias. Assinala que Mato Grosso do Sul, um Estado relativamente novo, progredia rumo ao desenvolvimento, porém, não se preocupava até aquele presente momento em salvaguardar seus documentos e sua história. De acordo

com Paulo Coelho (REVISTA ARCA, 1991), verifica-se que a maioria dos habitantes locais, são desprovidos desta consciência e de técnicas da sistematização de seus documentos, mas tanto o Estado, como os municípios, começam na atualidade a demonstrar certa preocupação com o registro histórico sob sua responsabilidade.

Este mesmo autor, mostra importantes meios que o Estado e município foram desenvolvendo para salvaguardar suas histórias e documentos, tais como:

- O Arquivo Estadual junto a Secretaria de Justiça, que recebera aos seus cuidados o importantíssimo acervo da Mate Laranjeira, doado ao Arquivo pela família Mendes Gonçalves;

- O Arquivo Municipal;

- O Instituto Histórico e Geográfico; além das inúmeras obras escritas e publicadas por grandes nomes da literatura regional.

Ao término de seu artigo, Paulo Coelho (REVISTA ARCA, 1991) enfatiza que: : preservar um bem cultural não significa apenas guardar, mas guardar bem, garantir a sua perenidade.

O pesquisador Gilmar Arruda (1991), contribui nesta edição, com seu artigo, no qual analisa os impactos gerados na “pacata” vila com a chegada da Ferrovia Noroeste do Brasil, trazendo ainda o ponto de vista dos homens que para cá vieram trabalhar na construção do progresso e ficaram no anônimo. Arruda (1991) descreve a importância e o desenvolvimento que a Ferrovia trouxe ao local, uma vez que a chegada de um meio ágil de locomoção assinala o progresso da cidade e uma sensação de velocidade.

Neste enfoque, este autor menciona que é o símbolo do desenvolvimento do capitalismo do mundo contemporâneo, até pelo menos em 1930, quando se tem a chegada dos automóveis. Neste diapason, Arruda (1991) relata ainda ser um divisor de águas no que diz respeito ao desenvolvimento da cidade, fazendo uma espécie de ruptura entre a história da pacata vila e seu futuro, consubstanciando que: - antes da ferrovia, Campo Grande não passava de uma pequena aglomeração de pessoas, perdida no sertão e encoberta pela poeira da história. Arruda (1991) demonstra que depois que a cidade surgiu do limbo, inicia uma fase promissora de: núcleo urbano, centro comercial, econômico e político, estratégico para a circulação de mercadorias e ao processo de acumulação do capital monopolista. Ainda neste mesmo artigo, o autor contrapõe o outro lado da história, mostrando a realidade dos que não receberam o progresso trazido pelos trilhos da ferrovia, alguns daqueles que deram sua força e suor para chegada deste progresso, mas que agora se viam à margem do desenvolvimento. Um telegrama de 1913, escrito pelo intendente de Campo Grande descreve possuir 12 criminosos presos, por roubos e até assassinatos, havendo o mais profundo conflito da chegada da ferrovia, com lucro e progresso para os donos da terra e polícia e cadeia para os trabalhadores (ARRUDA, REVISTA ARCA, 1991).

Ao final desta edição, a revista ARCA apresenta uma parte de seu acervo com a descrição do livro de registro do fornecimento de materiais e alimentos aos imigrantes colonizadores que se estabeleceram na localidade de Terenos, em 1924 e 1925, retratando um trecho da documentação relativa aos gastos com a colonização alemã na cidade de Terenos (Figura 5).

Figura 5: Acervo ARCA, publicado na 2^a edição da revista ARCA (1991).

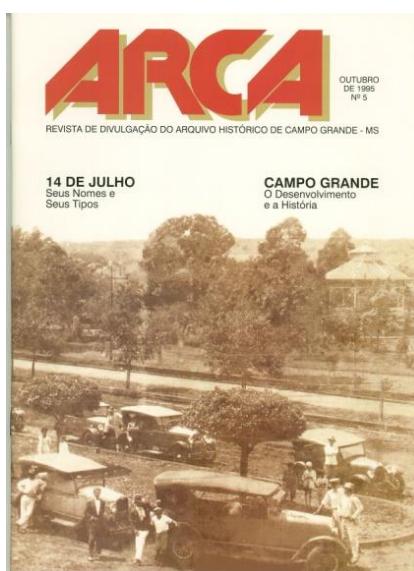
<p>- Livro de Registro do Fornecimento de materiais e alimentos aos imigrantes de Terenos no ano de 1924 e 1925.</p> <p>- "Foi remetido à Intendência de Três Lagoas por intermédio do Banco do Brasil, para pagamento de hospedagem com a Colônia Alemã de Terenos, a quantia de 431\$000 em 15.05.1924 pago a Campos e CIA de vários fornecimentos à Colônia Alemã 1:912\$500 - 02.06.1924."</p>	<p>01 - Paul August Zicker - (2 pessoas) 14.05.1924 a 30.01.1925 - 1:400\$945</p> <p>02 - Hart Werner Zicker 14.05.1924 a 15.07.1924 - 520\$062</p> <p>03 - Wilkerme Braum (7 pessoas) 14.05.1924 a 03.01.1925 - 3:067\$488</p> <p>04 - Henrick Schiermann (6 pessoas) - 14.05.1924 a 01.01.1925 - 1:834\$017</p> <p>05 - João Frederich Seidenfuss (6 pessoas) - 14.05.1924 a 01.06.1925 - 3:318\$404</p>	<p>06 - João Vicente Schwan (2 pessoas) - 14.05.1924 a 01.06.1924 - 1:615\$020</p> <p>07 - Adalbert Schiwan 15.05.1924 a 01.12.1924 - 366\$637</p> <p>08 - Adolph Fluhr (3 pessoas) 14.05.1924 a 01.06.1925 - 2:225\$833</p> <p>09 - Carl Geiss (7 pessoas) 14.05.1924 a 11.02.1924 - 1:647\$254</p> <p>10 - João Popp 14.05.1924 a 10.01.1924 - 390\$180</p>
--	--	---

Fonte: Disponível em:<http://www.campogrande.ms.gov.br/arca/artigos/revista-arca/2021>

b) Edição5 da Revista ARCA (1995).

A figura 6 mostra a capa da Revista ARCA , onde contém suas publicações.

Figura 6: Revista ARCA, 5^a edição (1995).



Fonte: Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/arca/artigos/revista-arca/>

A quinta edição oferece ao leitor a história da cidade de Campo Grande, suas ruas, seus pioneiros, grandes nomes da sociedade campo-grandense e o registro de alguns dos

mais importantes patrimônios presentes na cidade. Há um destaque para a preservação do patrimônio arquitetônico, as tradições culturais e a história da fundação da cidade. Este número mostra a importância da cultura por meio de documentos, arte, dança, artesanato, fé religiosa, bem como, de prédios que resistiram a ação do tempo e ao conceito de modernidade. A rua 14 de Julho, que foi ponto de partida para o engrandecimento da cidade, e que através do tempo se modificou, mas não perdeu sua característica de centro comercial, pois, no encarte especial desta edição consta o primeiro código de conduta promulgado em 1905 e que não havia sido ainda substituído até aquele momento. A edição de número cinco da revista é inteira voltada para artigos que contemplam: - a cultura, o patrimônio e a história da cidade de Campo Grande, trazendo um rico acervo documental e fotográfico da construção e desenvolvimento da cidade (Tabela 3).

Tabela 3: Artigos publicados na revista ARCA 5^a edição - 1995

Título	Autoria	página
Campo Grande o impulso do desenvolvimento nas rotas de gado, nos trilhos do trem e no caminho do Mercosul.	Alisolete Antonia dos Santos Weingartner	3 a 9
Alexandre Tognini um dos construtores de Campo Grande no início do século.	ARCA	12 e 13
14 de julho seus nomes, seus tipos, sua história.	Paulo Coelho Machado	14 a 19
Pioneiros da 14 Palace Royal: 70 anos da 14 de julho.	Paulo Coelho Machado	20 e 21
Os tipos da 14.	Paulo Coelho Machado	22 a 27
Morada dos Baís a recuperação do prédio e a revitalização do espaço.	Solange de Fátima Duarte Vaz da Silva	28 a 31

No primeiro artigo, Weingartner (REVISTA ARCA, 1995) faz uma breve contextualização sobre a história da região, destacando Campo Grande e seu desenvolvimento até 1990, citando os principais acontecimentos deste período.

Menciona esta autora, o desbravamento das minas cuiabanas, com a criação da capitania de Mato Grosso, a chegada de José Antônio Pereira, a fundação de Campo Grande, a ferrovia NOB, a transferência do Comando da Circunscrição Militar de Corumbá para Campo Grande, finalizando com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul em 1977, tornando Campo Grande sua capital.

Weingartner (1995) trouxe aos leitores no decorrer do texto importantes imagens que retratam o patrimônio histórico de Campo Grande (Imagens da figura 7), tais como:

- imagem 1 (trem de ferro), imagem 2 (fazenda Bálamo, residência do filho de José Antônio Pereira), imagem 3 (Quartel do Comando Geral, 1940), imagem 4 (sede do governo do Estado de Maracajá, 1932).

Figura 7: Campo Grande o impulso do desenvolvimento

Imagen 1



Imagen 2



Imagen 3



Imagen 4

Fonte: Revista Arca 5^a edição. Adaptação de Daniele Machado Domingues/2021

Alexandre Tognini, que também escreveu na revista ARCA (1995), relata que começou a trabalhar com seu pai - Adolfo Tognini (engenheiro) aos 11 anos de idade, pois, seu genitor veio para Campo Grande, trabalhar na Ferrovia NOB na época de sua inauguração, em 1914, o qual era responsável pela construção do Hotel Central, localizado na esquina da rua 13 de Maio, com a 15 de Novembro.

Alexandre Tognini (1995), remodelou em 1930 a Praça Ary Coelho, sendo o responsável pela construção da canalização d'água da cidade, com 375.000 litros; construiu também, as sedes das fazendas de Laucídio Coelho e Italívio Pereira, além, da sede do Banco do Brasil em Três Lagoas, em 1950. Em Aquidauana, este construtor fez a casa de Tomazia Rondon e em Campo Grande construiu a antiga prefeitura em 1928, na esquina da Av. Afonso Pena, com Av. Calógeras, sendo na época a maior construção erguida em Campo Grande.

Paulo Coelho Machado (1995), historiador e memorialista campo-grandense, nos deleita nesta edição com três artigos sobre a rua 14 de Julho, retirados de seu livro denominado: - Rua Velha, a Rua 14 de julho que foi e é até hoje, a principal rua comercial da cidade. Este autor descreve em detalhes a importância que a rua já tinha em 1920, responsável pelo maior fluxo de pessoas na época, sendo esta via servindo de passagem para a estação de trem e se tornando a rua mais comprida da cidade.

Foi palco para os festejos de carnaval, inicialmente com os desfiles de

carruagens, sendo substituídos, posteriormente pelos automóveis. Segundo João Barbosa de Souza, antigo funcionário do Banco do Brasil, o melhor carnaval de todos foi o do ano de 1914, em que desfilaram pela rua principal catorze carros alegóricos. De Nioaque, de Aquidauana e das fazendas vizinhas, vieram inúmeras pessoas atraídas pelos grandes e anúncios dos festejos. Os hotéis e pensões ficaram lotados, além de muitos que se hospedaram em casa de amigos (COELHO, REVISTA ARCA, 1995).

A rua 14 de Julho recebeu seu primeiro calçamento no dia 1º de dezembro de 1928, e demorou mais de 20 anos para sua conclusão final.

Outro importante ponto da rua 14 de Julho, foi o relógio (Figura 8), inaugurado às 9h do dia 23 de agosto de 1933, que se transformou em ponto de referência da cidade, local de grandes reuniões e comícios políticos. Era um belo monumento com 5 metros de altura em alvenaria, um relógio de quatro faces (ou mostradores), cujas badaladas eram ouvidas em toda a vizinhança. A construção foi contemporânea à do Obelisco, durante a administração de Ytrio Correa da Costa, eram dois marcos que despertavam o orgulho dos campo-grandenses. Infelizmente, tempos depois, resolveram demolir o relógio por conta do progresso e da necessidade de alargamento das ruas (COELHO, ARCA, 1995).

Figura 8: Relógio rua 14 de Julho.



Fonte:Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/arca/artigos/revista-arca/2021>

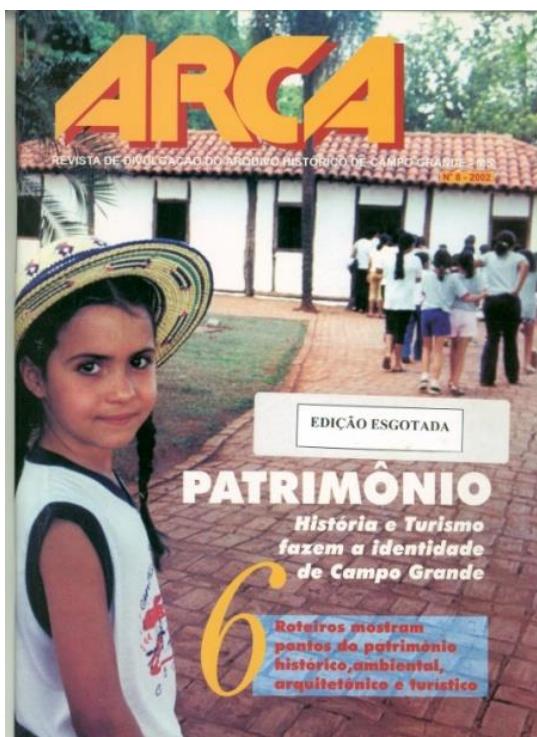
A autora Solange de Fátima (1995) trás aos leitores a história da Morada dos Baís, local de residência de uma das famílias de grande importância para a história de Campo Grande, destacando que em 1994, foi realizada a recuperação do prédio, pela Prefeitura Municipal de Campo Grande. Conhecida primeiramente como a Morada de Bernardo Franco Baís, foi o primeiro sobrado situado à Av. Afonso Pena, tendo como engenheiro José Pandiá Calógeras, local de residência da família Baís até 1938, quando se torna a Pensão Pimentel. Após incêndio em 1947, passa por outras administrações até chegar à responsabilidade da PMCG em 1993,

passando por uma recuperação em 1994 e posteriormente sendo entregue à população como patrimônio público da cidade.

c) Edição 8 da Revista ARCA (2002).

A figura 8 mostra a capa da Revista ARCA , onde contém suas publicações

Figura 9: Revista ARCA, 8^a edição (2002).



Fonte:Disponível em:<http://www.campogrande.ms.gov.br/arca/artigos/>
revista-arca/2021

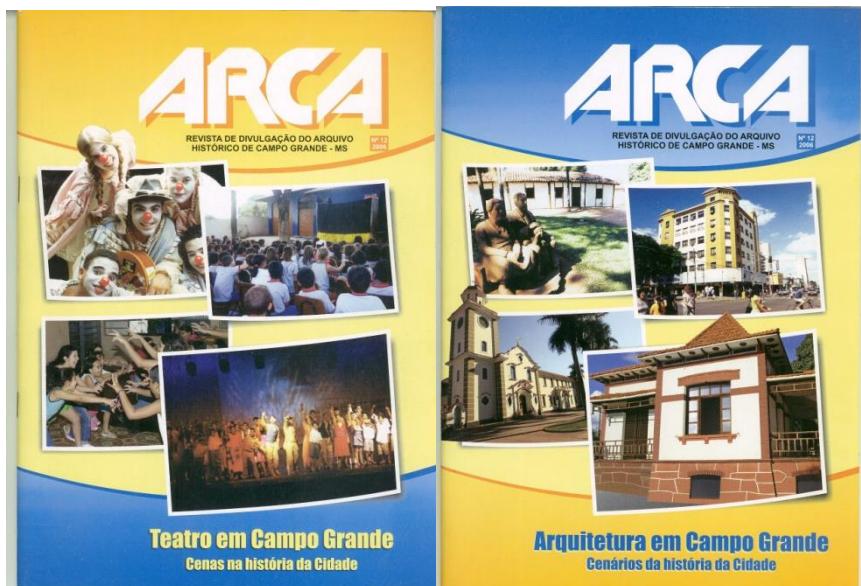
Nesta edição, o olhar volta-se para o patrimônio, história e identidade de Campo Grande. Assim, como edições anteriores, a revista regata ao longo de seus artigos, a história de Campo Grande desde a chegada de José Antônio Pereira. Em suas primeiras páginas identificam-se os patrimônios existentes na cidade, muitos já citados nesta pesquisa, como: - a Morada dos Baís, a Igreja de Santo Antônio, o Museu José Antônio Pereira (antiga fazenda Bálsmo), a Praça Ary Coelho, a Praça do rádio clube, a Igreja São Benedito (Comunidade da Tia Eva), a Casa do Artesão, dentre outros.

Verifica-se na revista em questão, uma linha do tempo, desde 1879 a 1998, com todos os marcos das grandes construções patrimoniais da cidade neste período. Na página dez a revista sugere seis roteiros, para aqueles que querem conhecer a história via memória de Campo Grande com mais de cinquenta importantes pontos referenciais da cidade. Ao longo das demais páginas da edição 8 (Figura 10), encontram-se imagens coloridas das referidas revista em tela.

- d) Edição 12 da Revista ARCA (2006).

A figura 10 mostra a capa da Revista ARCA , onde contém suas publicações

Figura 10: Revista ARCA, 12^a edição (2006).



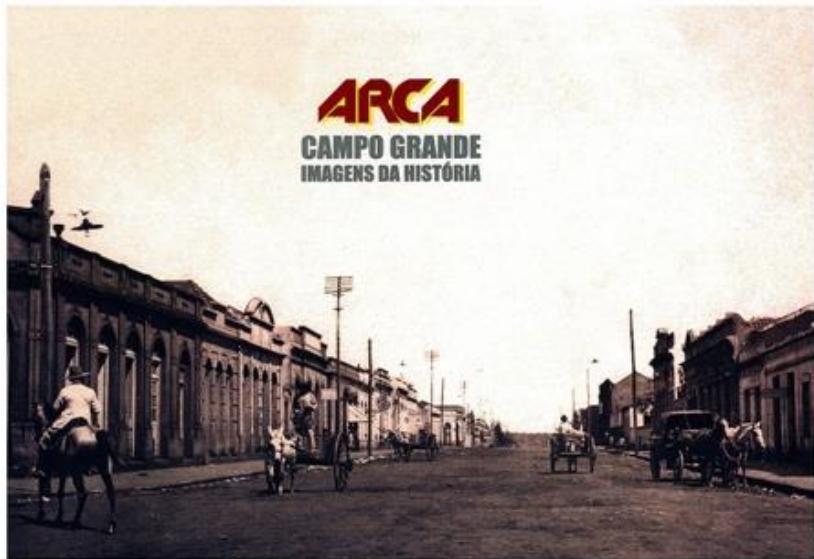
Fonte: Disponível em:<http://www.campogrande.ms.gov.br/arca/artigos/revista-arca/2021>

Esta edição conta com duas capas, se dividindo pela metade, trazendo na frente o Teatro em Campo Grande e na parte de trás, a arquitetura. Como já observado em outras edições esta também apresenta os patrimônios pertencentes à cidade, com suas fotos e imagens, porém, dando ênfase à parte arquitetônica dos locais, trazendo imagens de plantas de algumas edificações, fotos históricas das principais edificações da cidade, além, da importância de preservação desses patrimônios. Na segunda parte da revista, estabelece-se aos leitores a história do teatro em Campo Grande, a evolução da arte teatral, o teatro como profissão, como agente de transformação e os interpretes que fazem parte dessa história.

- e) Edição 15 da Revista ARCA (2011).

A figura 11 mostra a capa da Revista ARCA , onde contém suas publicações

Figura 11: Revista ARCA, 15^a edição (2011).



Fonte:Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/arca/artigos/revista/arca/2021>

Última edição publicada pela revista ARCA em 2011, apresenta imagens da história de Campo Grande, em edição especial, capa dura, sendo uma edição rica em detalhes e com um dos acervos mais importantes do Arquivo Histórico de Campo Grande. O acervo fotográfico da história da cidade, mostra imagens de construções do século passado, trazendo ao imaginário de quem se deleita em suas páginas, os momentos daquela época, é como se pudesse voltar ao passado.

As maiores e mais sólidas obras, por mais transformadoras que sejam, só tem sentido quando respeitam o contexto em que estão inseridas e quando aumentam o sentimento de pertença das comunidades. Neste enfoque, pode-se correlacionar que as lições da história, propiciando um sentimento de amor e emoção por meio da memória vivenciada no passado, pois, é preciso amar para fazer melhor. Neste contexto é que o trabalho do Arquivo Histórico de Campo Grande e suas publicações auxiliam o conhecimento e a preservação da história de seus habitantes, no passado e no presente. Uma cidade que não cultua sua história, sua memória, sua identidade, é uma cidade sem alma e seu povo carece de conhecimentos para poder se desenvolver. É no passado que se buscam exemplos, para o viver do amanhã, embora muito ainda precise ser feito em prol da preservação desse patrimônio chamado memória, mas, com certeza, este é o caminho certo (TRAD FILHO, REVISTA ARCA, 2011).

A história da humanidade é farta em exemplos sobre a importância da cultura para construção de nações e povos. Sentir-se inserido é essencial para enfrentar desafios, o que exige, necessariamente, o fortalecimento de alicerces. Árvores frondosas têm raízes profundas e em um tempo em que dicotomias como modernidade e tradição não se firmam mais, é preciso saber que passado e futuro são pontas da mesma linha, que devem ser amarradas no presente. Nesse esforço se insere o trabalho desenvolvido pelo

Arquivo Histórico de Campo Grande.

A Revista ARCA, com suas quinze edições, marca a etapa de implantação do arquivo, que, em paralelo ao atendimento constante de pesquisadores, estudantes e da comunidade em geral, foi pontuada por exposições, gincanas, palestras e encontros voltados especialmente para o trabalho de sensibilização quanto a importância da valorização da históriada cidade morena. Ao completar 20 anos de existência, o ARCA pode orgulhar-se de ter conquistado algo essencial para seu futuro como instituição de muita credibilidade (FIGUEIREDO, REVISTA ARCA, 2011).

A revista ARCA durante seus 21 anos de publicações, trouxe aos seus leitores, importantes registros da história e memória da cidade de Campo Grande, tornando-se um rico instrumento de pesquisa para a comunidade e para os pesquisadores que buscam explorar a temática ou apenas conhecer a história. Ela perpassa gerações, levando aos leitores um conteúdo repleto de informações, que por muitas vezes são desconhecidas pela população. Conteúdo este, que agora fica disponível nesta dissertação para acesso de todos, no intuito de ampliar a visibilidade da revista e do debate da temática de patrimônio, tema este de extrema relevância nas discussões globais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram analisados cerca de 30 artigos da Revista ARCA (1991 – 2015), objetivando destacar: - o olhar da revista para com os patrimônios históricos e culturais de Campo Grande-MS. Pode-se observar nas edições II, V, VIII, XII e XV a importância que esses patrimônios representam, para a história e memória da população campo-grandense. Observa-se que mesmo os habitantes que não nasceram aqui, criaram raízes e forte sentimento de pertencimento ao local. Poder olhar para trás e veros locais por onde percorreram nossos familiares e pessoas que nem conhecemos, mas que apareciam se tornarem íntimos quando se identificam com a história local. É como se revisitássemos aqueles locais no passado e tivéssemos participado junto na construção destas histórias e memórias, tão significativas para os patrimônios locais.

O trabalho do ARCA, respalda o atendimento a estudantes, professores e pesquisadores com material de suma importância para suas pesquisas a partir de documentos e materiais raros que por muitas vezes só se encontram ali. O ARCA é o principal ponto de apoio e fonte de consulta, tanto para o meio acadêmico, quanto para a comunidade em geral, subsidiando centenas de dissertações, teses, livros e revistas que tratam da vida cotidiana da cidade morena, além de realizar outras atividades e serviços.

A revista é de fundamental importância para a cultura do Estado de MS, em razão de ao longo de suas edições ter colaborado decisivamente com a memória, a história e a cultura inicialmente com o então Mato Grosso Uno, e posteriormente com o Mato Grosso do Sul. Trata-se de um rico instrumento de pesquisa para a comunidade e para os pesquisadores que buscam explorar a temática do patrimônio, uma temática emergente para a manutenção da história e memória do Brasil.

Desperta no leitor e no pesquisador a vontade de estar nestes locais, de fazer parte desta história, possibilitando nascer em cada um, o sentimento de pertencimento a aquele local, sendo de fundamental importância para a cultura de MS.

Durante os dois anos de pesquisa desta dissertação, foi percorrida uma trajetória difícil, não só por ser uma temática pouco abordada ainda, pois quando se trata de uma revista a ser pesquisada encontram-se pouquíssimas pesquisas elaboradas nesta linha, além de ser na linha de patrimônio, assunto que não se discorre muito e não se estuda com tanta frequência.

Observei ao longo de minha trajetória, tanto no período de graduação, enquanto fazia estágio nas escolas de ensino regular, quanto nos projetos realizados enquanto estagiava no laboratório de História da UCDB, a dificuldade em proferir palestras em escolas públicas e particulares de Campo Grande, sobre a temática do Patrimônio

Histórico e Cultural de Campo Grande, pois verificamos um déficit quando se trata de se trabalhar tais conteúdos.

A maioria dos alunos, tanto das escolas públicas quanto das escolas particulares, não conheciam a maior parte dos monumentos históricos e culturais, da cidade onde moram. Verificou-se que foi a partir daí que observei a necessidade de uma abordagem maior da temática, iniciando esta pesquisa.

Ao começar a pesquisar autores e pesquisadores na linha de patrimônio, verifiquei que não seria uma trajetória fácil, pois são poucos autores que se aprofundam e pesquisam esta temática.

Após várias idas ao Arquivo Histórico de Campo Grande, além dos vários dias lendo e relendo as edições da revista de meu acervo pessoal, comecei então a delimitar os passos a serem percorridos para elaboração desta pesquisa.

Neste momento, verifiquei que devido à paralisação das vendas da revista à população campo-grandense, bem como a dificuldade do público com relação ao acesso ao conteúdo da revista, conseguindo fazer consulta apenas nas revistas que compõem o acervo do ARCA (*In loco*), sem retirá-las da sede do Arquivo ou a partir de arquivos pessoais de quem as tenha adquirido no período de venda.

Verificou-se também ao longo deste estudo, a dificuldade de acesso da população, à revista ARCA, após estudo e análise dos dados coletados sobre a revista, pode-se considerar a possibilidade de ações para reverter este caso, como: - a divulgação da revista em ambiente virtual, no site do ARCA e estabelecer parcerias em redes educacionais (públicas e privadas) para que juntamente com o ARCA possam ser criadas ações de conhecimento da revista.

Ressalta-se que o Arquivo Histórico de Campo Grande, em comemoração aos 122 anos da cidade, disponibilizou em seu site, as 15 edições digitalizadas da Revista ARCA, possibilitando um pouco mais o acesso do público a mesma.

Construi neste trabalho, o ponto inicial para que pesquisadores e a população, possam ter o conhecimento deste importante recurso de pesquisa que é a Revista ARCA, recurso este que pode ser explorado mais a fundo, no qual por meio dele hoje posso afirmar que conheço a história do local onde a minha família viveu e cresceu. Local este que necessita, que sua história e memória sejam conhecidas por sua população e preservadas, para que as próximas gerações reconheçam suas origens e não perca sua cultura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se abordar a memória e identidade cultural, é inegável pensar que a cultura material tem papel fundamental na construção e manutenção desses vieses da subjetividade humana. Tal fato é bem visível, pois como relatado nesta pesquisa e em grande parte das edições da Revista ARCA, além das grandes construções que encontramos ainda hoje no centro da cidade, as quais estão em sua maioria presentes nas memórias dos moradores, enquanto patrimônio cultural, também se pode deter a importância para os mesmos no que diz respeito à história da cidade e as suas próprias vivências individuais.

Essa importância é verificada no forte discurso de preservação, que anseia a manutenção e a fruição desses bens, ou seja, o desejo dos indivíduos de que esses materiais continuem existindo fisicamente, para que possam “contar” as histórias referentes à cidade, e no anseio de que o poder público desenvolva ações para a manutenção do patrimônio cultural.

Conhecer a história de seu povo é essencial para a construção de sua própria identidade, permitindo que a partir da ligação cultural e identitária com essas histórias, nasça em cada um o sentimento de pertencer ao local no qual vive ou viveu.

O patrimônio é uma herança que pode ser individual ou coletiva, estes bens deixados por nossos ancestrais, são regulamentados por órgão específicos responsáveis por garantir o direito do cidadão em ter acesso às informações no que diz respeito a patrimônio histórico cultural.

Campo Grande atende a um conjunto de leis que estabelecem diretrizes para o ordenamento de questões patrimoniais, ambientais e de código tributário, visando à proteção dos bens.

A valorização histórico-cultural do patrimônio arquitetônico é de extrema importância para que possa despertar o sentimento de proteção por parte da comunidade, garantindo que as próximas gerações, também tenham chance de ter acesso ao bem herdado, verificando-se a relação da população com este mesmo bem que poderá desenvolver no indivíduo o sentimento de pertença com o patrimônio.

A memória por sua vez também está diretamente ligada ao processo de valorização patrimonial, pois é a partir dela que o indivíduo registra as vivências que ele ou a comunidade na qual ele está inserido vai construir o valor que o bem tem para ele e/ou para sua comunidade. O valor cultural do patrimônio está acoplado no valor histórico e é conforme as pessoas vão compreendendo o lugar é que os valores culturais são atribuídos e a história se constrói.

A identidade coletiva e o sentimento de pertença estão ligados a valores comuns de

um grupo, que se constroem por meio de experiências vividas, dos laços pessoais, das características que diferencia pessoas de um determinado grupo e do afeto que este grupo tem pelo lugar que está inserido. Diante de tudo que foi descrito neste trabalho, preservar esta história construída é possível por meio do tombamento/registro do patrimônio, que é uma ação legal, que qualquer cidadão pode solicitar.

Este processo se torna importante para construção da identidade de um local e também, para preservar e conservar o patrimônio pensando no futuro, uma vez que a intenção é sempre trazer a comunidade para participar junto com este processo, ou seja, sensibilizando o indivíduo para que seja um agente do processo de conservação.

A pesquisa retratou que o valor dado aos patrimônios históricos e culturais não está relacionada apenas ao tombamento, mas sim, ao sentimento de pertença da população com a identidade e a história de Campo Grande, devendo haver uma empatia da população com os símbolos que a cidade carrega e com o modo de viver do campo-grandense.

Espera-se que as reflexões apresentadas nesse estudo possam contribuir para a comunidade acadêmica e para a própria cidade de Campo Grande, enquanto discussão acerca da questão patrimonial. Além disso, pretende-se contribuir para as discussões que têm sido realizadas sobre a questão de patrimônio em todos os âmbitos, ampliando a visualização das edições da Revista ARCA, documento importante neste processo para manter a memória e a história de Campo Grande – MS, viva no imaginário de toda a população, podendo ser repassada às próximas gerações.

REFERÊNCIAS

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 01. Campo Grande, 1990. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 09. Campo Grande, 2003. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 02. Campo Grande, 1991. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 03. Campo Grande, 1992. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 04. Campo Grande, 1993. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 05. Campo Grande, 1995. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 06. Campo Grande, 1998. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 07. Campo Grande, 2000. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 08. Campo Grande, 2002. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 10. Campo Grande, 2004. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 11. Campo Grande, 2005. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 12. Campo Grande, 2006. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 13. Campo Grande, 2007. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 14. Campo Grande, 2009. Acervo do ARCA.

ARCA, Revista. **Divulgação do Arquivo Histórico de Campo Grande**, n. 15. Campo Grande, 2011. Acervo do

ARCA.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno.** 1. ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOAS, Franz. **Os esquimós centrais.** Sexto Relatório Anual do Departamento Norte-American de Etnologia. Nebraska: Universidade de Nebraska, 1888

BRASIL. Constituição Federal, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal – Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0025.htm. Acesso em: 19 de outubro de 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 6.350, de 19 de agosto de 1991.** Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/arca/downloads/>

BURKE, Peter. **Testemunha ocular.** Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

CHATIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CULTURA, <https://www.dicionarioetimologico.com.br/cultura/>. Acesso em 17 de agosto de 2021.

DARWIN, Charles. **Origem das espécies.** Tradução Joaquim de mesquita. Lisboa: Livraria Lelo e Irmão, 1913.

FRANCO, Aline Maria Silva, **iluminismo como ideologia.** Uberlândia, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural. Rio de Janeiro:** Editora Zahar, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

IBGE, Cidades. **Campo Grande.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/campo-grande/historico>. Acesso em outubro de 2021.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio cultural.** Brasília: Ministério da cultura, 1994.

KROEBER, Alfred. **O superorgânico.** In: Donald Pierson (Org.). Estudos de organização social, São Paulo, Livraria Martins Editora. 1950 "Anthropology". Scientific American, vol. 83.1949.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico.** 14. ed, - Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória..** Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

MACHADO, Paulo Coelho. **Pelas ruas de Campo Grande**. 2. ed. Campo Grande-MS: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008.

PEREIRA, Eurípedes. **História da fundação de Campo Grande**. 2. ed., Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2018.

RESI, Marília de Campos Tozoni. **Metodologia da Pesquisa**. Curitiba: I ESDE. Brasil, 2009.

SANTOS, Laura dos. **Patrimônio Arquitetônico da Zona de Especial interesse Cultural do Centro Histórico de Campo Grande/MS**. Life editora, 2019.

SANTOS, Maria Christina de Lima Félix; CASTILHO, Maria Augusta de. **Rota do trem do Pantanal: o diálogo entre patrimônio e desenvolvimento local**. Campo Grande: Life, 2012.

SANTOS, Maria Christina de Lima Félix; CASTILHO, Maria Augusta de. **Catálogo patrimônio histórico e cultural de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Life, 2017.

SNEIDER, Artur David. **Equações diferenciaias**. Dover Books on Mathematics: Londres: Pearson, 2012

TYLOR, Edward. **Primitive culture**. Londres, John Mursay & Co. [1958, Nova York, Harper Torchbooks.] 1871